

**O JOGO NARRATIVO DE LYGIA BOJUNGA  
EM "A TROCA E A TAREFA":  
LEITURA E ESCRITA**

*Sônia de Almeida Barbosa Grund* (UNIGRANRIO)

[soniagrund@uol.com.br](mailto:soniagrund@uol.com.br)

*Idemburgo Pereira Frazão Felix* (UNIGRANRIO)

[idfrazao@uol.com.br](mailto:idfrazao@uol.com.br)

**RESUMO**

O presente trabalho será pautado no capítulo 4 de "A TROCA e A TAREFA", do livro *Tchau*, de Lygia Bojunga, uma autora para públicos diversos. Com base no *corpus* literário supracitado, almeja-se demonstrar o poder do entrelaçamento linguístico, fazendo com que a língua e a literatura se construam, mutuamente, por meio dos jogos morfossemânticos, contextos linguísticos e extralinguísticos, levando o leitor ao papel de coautor do texto lido, visto que ele tem também a incumbência de associar os ditos explícitos e implícitos, evidenciando os seus conhecimentos diversos e captar, interativamente os sentidos textuais. Por fim, é propósito desta apresentação tornar notória a função do texto como meio de diálogo com o leitor que, através das pistas vistas, ao longo da leitura, descobrirá a razão semântica de "A TROCA e A TAREFA" apresentada pelo "eu narrativo". Termo utilizado por Sônia de Almeida Barbosa Grund em sua tese de doutorado, por ver um tom poético nas falas do narrador de Lygia Bojunga.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Jogo narrativo. Lygia Bojunga.

O presente trabalho intenciona demonstrar a prática do gênero narrativo como forma lúdica de explicitação do "eu-narrativo" (denominação para narrador personagem, em razão de sua forma lírica, semelhantemente ao eu lírico da poesia), numa interação com o leitor, evidenciando o processo criativo do autor como formação e transformação da escrita. Para tal função, será ilustrado o conto "A TROCA e A TAREFA", de *Tchau*, livro de Lygia Bojunga.

No citado texto, a autora expõe como personagens centrais pessoas e sentimento: um eu-narrativo feminino, acompanhado de outra pessoa: o Ciúme: "Eu tinha 9 anos quando a gente se encontrou: o Ciúme e eu". (BOJUNGA, 2014, p. 89)

A caracterização do sentimento como agente importante na cena mencionada é, de imediato, vista através do uso de inicial maiúscula na palavra Ciúme, bem como pela sua posição na frase. Ao inseri-la antes do pronome eu (O Ciúme e eu), a narrativa enaltece o domínio de um

personagem sobre o outro. O Ciúme, pois, se sobrepõe ao eu-narrativo, tornando-se ora como empecilho, ora como único companheiro.

A história mostra, passo a passo, a chegada do Ciúme na vida da personagem narradora, como alguém que a aprisiona, a persegue. Ela mesma o implora a ir em direção à sua irmã, ao ver-se tomada por ele: “Pega a minha irmã. Eu falei. – Ali, ó, na outra cama” – Não. Eu quero é você” (BOJUNGA, 2014, p. 89-90). O Ciúme, portanto, coloca-se diante da narradora e a faz ver uma espécie de parede entre ela e sua irmã. Por mais que o tempo passasse, lá estava ele.

Com esse termo, Lygia Bojunga consegue, sutilmente, desvelar o interior da personagem como alguém que se vê solitária, à parte, diferentemente de sua irmã. É saliente observar que ao mesmo tempo que o Ciúme domina o eu-narrativo, é dele que esse “eu” se sente acompanhado para dialogar, mostrar-se, intimamente: “‘Não. Eu quero é você’. E o Ciúme disse aquilo com voz tão calma que eu fui me acalmando. E o medo foi passando. Bom, eu acabei superando, pelo menos tem alguém que gosta mais de mim do que dela”. (BOJUNGA, 2014, p. 90)

Ao perpassar a história, o eu-narrativo transparece a vontade de possuir alguém para partilhar seus sofrimentos, ter com quem desabafar, não se sentir em menor prestígio que outrem, porém, apesar de ter uma irmã, é justamente diante desta que ela se sente em grau de menor notoriedade. Há uma espécie de “muro” entre as duas. Diante dessa circunstância, o Ciúme a invade: “Lá no colégio o Ciúme aparecia pouco, era nas férias que ele não me largava, quando eu voltava pra casa e encontrava todo mundo fascinado pela minha irmã”. (BOJUNGA, 2014, p. 92)

A fim de evidenciar a semântica do título do capítulo “A TROCA e A TAREFA”, Lygia Bojunga prioriza em seu texto alguns termos como *Omar* (=S.M. próprio), nome do namorado da irmã do “eu-narrativo” e *O mar* (S. M. comum antecedido de determinante “o”), título da poesia escrita pelo “eu-narrativo”, ao conhecer seu futuro cunhado, o Omar. Há um jogo entre significante e significado, em Omar/ O mar, temos um anagrama e da palavra *amor*. Sentimento que Omar, inconscientemente, desperta no “eu-narrativo”. A este último, pois, resta-lhe como companheiro: o Ciúme, que retornara, justamente, no momento em que eram comemorados os seus 15 anos e o noivado de sua irmã com Omar:

Eu e minha irmã vimos ele (Omar) na mesma hora. Ela correu. Eu me escondi(...) O jeito que eles se olhavam, (...) jeito igualzinho que eu tinha pensado tantas vezes que ele ia me abraçar.

Nem precisei olhar para ver: era o Ciúme que estava outra vez ao meu lado, me dizendo no ouvido, não vou mais te largar. (BOJUNGA, 2014, p. 96).

No campo semântico, aliás, podemos escalar outros relevantes termos destacados por Lygia Bojunga: *Livro* (= verbo) e *Livro* (= substantivo), que surgiram durante o sonho do eu-narrativo, que se via deitada na areia da praia, isto é, em proximidade com *o mar ou Omar*:

(...) Vi duas janelas na parede. Me levantei pra olhar. Numa estava escrito "A TROCA", na outra "À TAREFA". Uma estava fechada, (...) Bati no vidro. Bati, bati, com força. Mas só ouvi o barulho do mar. Fui para outra janela também fechada (...). Bati. (...):

– Que é?

Até me espantei de ouvir uma voz perguntando.

– Abre – eu respondi. – Eu quero ver o outro lado

A janela continuou fechada, mas a voz falou:

Eu te livro desse amor, desse peso.

– O quê?

– Esse amor que você está sofrendo, essa vontade que você está sentindo de morrer. Eu te livro disso. (BOJUNGA, 2014, p. 98)

Nessa passagem, visualizamos o eu-narrativo angustiado e, em sonho, revelando o peso do amor platônico, porém, a voz diz: Eu te livro. A expressão “livro” é, pois, um verbo, que remete à ideia de libertação, de voo. O leitor pode se questionar que voz é essa que promete livrá-lo. Chegou, portanto, o momento da troca: isto é: para que a liberdade se concretize, uma tarefa há de ser cumprida, ou seja, a escrita: o livro:

– História?

Que história?

Quando a história estiver pronta, você vai ver.

A voz falou baixo:

– Escrever a história dessa dor e eu te livro dela. É uma troca. Eu te prometo. (BOJUNGA, 2014, p. 98)

Temos, por conseguinte, um outro personagem: a inspiração criadora: a voz que ordena, na escrita, a dor vivida. No sonho, o eu narrativo implora à inspiração criadora para falar mais alto e, nisso, ela revela a dor sentida, o amor não correspondido pelo Omar, noivo de sua irmã, ao referir-se ao mar como um som a ouvir:

– Fala mais alto, eu quase que só escuto o mar.

– O mar. Lembra da poesia que você escreveu? (...)

Aí a voz se confundiu com o barulho do mar. Eu acordei. (BOJUNGA, 2014, p. 98)

O verbo *acordar*, na verdade, pode ser visto como sinônimo de *despertar* para a escrita. Faz parte, portanto, de um jogo lúdico de Lygia Bojunga, evidenciando a forma pela qual a escrita pode surgir: “(...) Dentro de mim tinha uma curiosidade nascendo: será que eu ia conseguir fazer uma história da dor que eu estou sentindo?” (BOJUNGA, 2014, p. 99)

À semelhança de Fernando Pessoa, que expõe o poeta como “um fingidor, finge tão completamente, que chega a fingir que dor, a dor que deveras sente”. Há, a partir daí uma constante luta entre o eu-narrativo, enquanto personagem e, principalmente, “autor”. Lygia Bojunga, sabiamente, mexe com a atenção do leitor e evidencia as pausas e retomadas na escrita. Basta observar o que nos diz o eu-narrativo após receber a tarefa de escrever a sua dor: “Voltei para o internato”.

O termo internato (= S.M. comum), designativo de local isolado, restrito, onde alguém se exila ou, pelo dito do eu-narrativo, pode também referir-se ao isolamento necessário para que um escritor se concentre e apenas interaja com sua inspiração criadora:

– Cada hora do recreio, cada domingo, cada hora de-fazer-dever, eu escrevia a história da minha vontade de morrer. E fui achando tão difícil de fazer, que em vez de sentir vontade de morrer, eu só pensava como é que se fazia a história de uma vontade de morrer, em vez e sentir a dor de amor, eu só sentia a força que eu fazia para contar essa dor. (BOJUNGA, 2014, p. 99-100).

Mais uma vez, dialogando com Fernando Pessoa, Lygia Bojunga presentifica o mistério da escrita: trata-se de uma verdade sentida ou criada? O eu-narrativo de *Tchau*, em “A TROCA e A TAREFA” é a mimese de um escritor: aquele que sai de si e vive para o seu livro. Não importa o sentimento, simplesmente, vale o contá-lo, o meio pelo qual ele pode ser compartilhado com o leitor. Existe uma dor do “autor” que é findar a história. Nesse ponto, os desfechos se entrelaçam: a tarefa do escritor e o objeto de sua escrita para o leitor: “Então, quando um dia, a história ficou pronta, a vontade de morrer tinha sumido, o amor pelo Omar também; no lugar deles agora só tinha a história deles (...)”. (BOJUNGA, 2014, p. 99)

A partir do momento que o escritor cumpre sua tarefa, ele se liberta, transforma possibilidades em vidas, através de suas personas:

Fiz que nem na poesia transformei o Omar (...), inventei a ilha pra botar nele: uma ilha de pra eu ir lá morar: de praia de areia fininha, aonde o mar chega toda hora. Eu fui inventando uma porção de coisas pra acontecer na ilha.

A história ficou tão grande. Acabou virando um livro, foi meu primeiro livro, se chamou 'Do outro lado da ilha'. (BOJUNGA, 2014, p. 100)

O livro é, assim, uma espécie de ilha, onde todos os personagens e suas vivências lá ficam. Acordam com os olhos do leitor. Com esse olhar, notamos que Lygia Bojunga convida o leitor a partilhar do processo de escrita, desde o momento da inspiração, pausa, retomada e desfecho. Cada livro torna-se uma espécie de morada para aqueles seres e sentimentos transformados pela escrita.

Uma questão significativa ainda deve ser feita: ao findar um livro, o que fazer o escritor? Lygia Bojunga enaltece a importância das retomadas textuais para prosseguir no processo de transformação. Assim, o eu-narrativo de "A TROCA e A TAREFA" explicita como concluiu sua história para avançar a outras: "Então um dia eu pensei: quem sabe a troca que eu sonhei no sonho serve pro Ciúme também e resolvi transformar o Ciúme em uma história (...) O Omar eu tinha transformado em mar E o Ciúme?". (BOJUNGA, 2014, p. 101)

Ao fazer esse questionamento, o eu-narrativo revela o seu pensamento acerca do Ciúme e a necessidade de se livrar dele para sempre: "Eu achava ele (Ciúme) tão feio. Resolvi virar ele numa coisa pra gostar de olhar, transformei ele num pássaro lindo! Bem grande, de peito amarelo e de penacho vermelho na cabeça. É pra ele não poder mais entrar na minha vida, eu prendi ele numa gaiola". (BOJUNGA, 2014, p. 101)

O eu-narrativo, na postura de personagem, mostra a conotação do Ciúme, como o lado perturbador de sua vida, aquele que devia ser aprisionado, logo, sua morada não é uma ilha, o mar, e, sim, uma gaiola.

Ao dar fim a mais essa história, o eu narrativo-autor cumpre sua *tarefa* e a *troca* ocorre.

Quando um dia eu cheguei no fim da história, a troca tinha acontecido de novo: no lugar do Ciúme, eu agora tinha um livro, um livro que eu chamei 'A Gaiola'.

Escrever é mais que uma tarefa, é, em verdade, uma troca, uma paixão transformadora, uma força que cria vida e dá destino a elas: "Achei tão bom poder transformar o que eu sentia em história, que resolvi que era assim que eu queria viver: transformando. Foi o que fiz e virei escritora. (BOJUNGA, 2014, p. 102)

O poder transformador da escrita é ainda exaltado no desfecho de *Tchau*. O ato da escrita torna-se algo natural, cotidiano, na vida de um escritor, que conta sempre com a parceria de um leitor interlocutor, que consegue ler além da explicitude das palavras, que percorre a narrativa, concomitantemente, as pistas indicadas pelo autor. O autor, pois, cria personagens, transforma-os em história e troca-a com o leitor.

O processo criativo passa a fazer parte da vida do escritor como tarefas básicas de seu dia a dia:

(...) Levantava cedo (levanto cedo), tomava café (com leite), escovava os dentes (já pensando o que eu ia escrever), fechava a porta (não sei transformar de porta aberta) e começava: pegava a lembrança de uma amiga que eu nunca tinha visto, imaginava a infância que ela tinha levado (...). (BOJUNGA, 2014, p. 102)

Nesse trecho, Lygia Bojunga clarifica ao leitor o modo particular de um escritor: transformar personagens sem interrupções. Trata-se de um encontro do criador e da criatura, sem terceiros. Não se escreve o existente, inventa-se. O escritor é, na verdade, um inventor, aquele que pega a dor sentida ou criada e a transforma em história, intensa, aos olhos do leitor e, nas mãos do criador. “Quando acabara um livro, mal descansava: já começava outro. Eu não queria mais descansar. Eu só queria ficar assim, virando, escrevendo, aqui: na minha mesa”. (BOJUNGA, 2014, p. 103)

O trabalho com a escrita, todavia, é inerente ao escritor, cada um utiliza do recurso que julgar melhor, o importante, porém, é não perder o dom de usa a escrita como ato transformador e o largo uso de gerúndios: “apagando, riscando sentindo”, evidencia o ato constante, particular; de pura entrega, durante o ato criativo. Cada objeto/ação tem função especial, na criação/transformação de personagens, em Lygia Bojunga: “(...) Tudo tem lugar certo em minha mesa, o lápis, o apontador, a borracha. Não sei transformar com máquina, só sei virar à mão: apagando, riscando, sentindo o cheiro do lápis (na hora de fazer a ponta, então)”. (BOJUNGA, 2014, p. 104)

Para transformar, tudo é útil, desde uma simples palavra, frase ou um sinal de pontuação. A pena do escritor transforma minúcias em vidas, vejamos o que nos diz o eu-narrativo de “A TROCA e A TAREFA”: “Um dia, eu dei pra transformar uma dor em vírgula; virava um alívio em ponto de exclamação; transformava uma esperança em ponto de interrogação. Gostei. Me senti feiticeira. Escrevi 26 livros”. (BOJUNGA, 2014, p. 104)

Lygia Bojunga, dessa forma, aos poucos, mostra ao leitor que o fazer narrativo é ao mesmo tempo natural e mágico. É um diálogo do criador com a inspiração e com o leitor. Na verdade, é mais do que criar: é transformar algo em vida e transportá-lo ao leitor, interativamente.

Ao final de "A TROCA e A TAREFA", o eu-narrativo, na condição de escritor, passa por várias pausas em seus escritos, contudo, jamais desiste. Há, logo, o papel transformador, não só do trabalho do autor, mas também do autor enquanto pessoa. O que vale é a vida. Para um escritor, a vida é a escrita: sentida ou imaginada: "Se eu não tivesse me apaixonado por essa mania de transformar vida em livro, eu não ia me importar de morrer". (BOJUNGA, 2014, p. 110)

Por fim, Lygia Bojunga ensina que escrever é sentir ou imaginar sentir e transformar todo sentimento em vida, através da tinta. O livro é a tarefa (= escrita), mas também uma troca (= companheiro) com o qual e no qual, o eu narrativo se desabafa, cria histórias que transformam leitores em parceiros interlocutores. Ao terminar um livro, é sempre uma pausa para uma nova história, como bem designa o título do livro de Lygia Bojunga, despedindo-se com um "até o próximo, ou seja: *Tchau*,

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.
- BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.